



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Nacional de Direitos Humanos e assinatura do encaminhamento ao Congresso Nacional da Convenção Internacional para a proteção dos direitos humanos dos trabalhadores migrantes

Palácio do Planalto, 13 de dezembro de 2010

Nem sei se era meu. Colocaram três copos aqui, acho que pensaram que eu passei a noite bebendo porque tem três copos d'água aqui para mim e nenhum para você. Um, eu acho que é água benta.

O discurso é escrito, meu caro. Não há como errar. O Dulci já fez a revisão.

Bem, eu queria, primeiro, cumprimentar o querido companheiro Paulinho Vannuchi, por mais poucos dias ministro,

Queria cumprimentar a nossa companheira deputada federal Maria do Rosário, designada pela companheira Dilma para assumir a Secretaria de Direitos Humanos,

Queria cumprimentar o companheiro Luiz Paulo Barreto, ministro da Justiça; Fernando Haddad, ministro da Educação; Juca Ferreira, ministro da Cultura; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; José Gomes Temporão, da Saúde; companheiro Orlando Silva, do Esporte; companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Luís Inácio Lucena Adams, da Advocacia-Geral da União,

Meu caro Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, da Secretaria de Assuntos



Estratégicos da Presidência da República,

Eloi Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,
e a minha ponte que não sai,

Companheira Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas para as Mulheres,
Nosso companheiro Andries Carl Nel, vice-ministro [da Justiça e
Desenvolvimento] da África do Sul

Companheiros embaixadores estrangeiros aqui presentes,
Senador Eduardo Suplicy, senador Roberto Cavalcanti e senador José
Nery, que recebeu aqui a sua estatueta,

Nossa querida companheira Luiza Erundina, deputada federal,

Companheiros agraciados,

Companheiros da imprensa,

Meu querido Elifas Andreato, o homem que fez a estatueta. Parabéns.

Está chegando um momento chato e desagradável do governo porque
está chegando o final do mandato, e cada dia que vai se aproximando, tudo o
que eu faço é a última que eu faço como presidente da República. Então, isso
vai criando uma emoção desnecessária.

Eu queria cumprimentar também o nosso companheiro Nilmário
Miranda, o primeiro ministro da Secretaria de Direitos Humanos. Não sei se o
Mário Mamede está por aí, mas foi interino, um pouco, na saída do Nilmário, e
o Rogério Sottili, que era o braço direito, o braço esquerdo, as duas pernas, a
orelha e a cabeça do Paulo Vannuchi no Ministério.

Primeiro, antes de ler o meu discurso aqui, eu queria dizer para vocês o
seguinte: quando vai chegando o final do governo, a gente vai tendo a
sensação de que estava assistindo a uma partida de futebol, e eu vou falar em
futebol, porque as pessoas mais humildes que estão nos vendo neste momento
compreendem mais se eu filosofar futebol do que se eu filosofar Filosofia.

Então, nessa partida de futebol, eu não tenho dúvida nenhuma de que



nós estamos ganhando o jogo de quatro a zero, cinco a zero... E aí, nós temos três tipos de torcedor: nós temos aquele torcedor muito otimista, que acha que era impossível fazer mais, que nós fizemos de tudo, que os gols foram os mais bonitos que já foram vistos dentro do Maracanã e que, portanto, o time não precisa fazer mais nada. Nós temos aquele pessimista, aquele que fica: “Pô, só cinco a zero! Por que não fez 10? Porque não fez 15? Poderia ter feito mais!”. Também não vai acontecer. E aquele que é um pouco o que vocês são: o torcedor forte emocionalmente, mas também forte racionalmente, que vocês estão contentes com o 5 x 0 mas, ao mesmo tempo, acharam alguns gols bonitos, outros mais ou menos bonitos, outros feios, e acham que o time poderia ter feito mais, se não tivesse perdido tanta bola, se não tivesse dado passe errado. A política é um pouco assim. Eu sei que nós fizemos muito, mas eu sei também o quanto falta ser feito neste país. Afinal de contas, você não consegue consertar 500 anos de desmazelo em oito anos, não sei se em 80 [anos]. Mas o dado concreto é que nós provamos que é possível sair do marasmo em que a sociedade brasileira foi colocada durante décadas, décadas, séculos e séculos, onde tudo parecia muito difícil.

Eu, Paulinho, quero te agradecer. Não é você que tem que me agradecer, porque eu lembro do dia que o Nilmário me procurou para sair do governo. O Nilmário precisava resolver um problema das disputas internas do meu glorioso Partido, em Minas Gerais. Ele foi ser presidente do Partido, mas também já estava com um olho na eleição para governador do estado. Aí, era um momento difícil, não era um momento fácil que a gente estava vivendo. Afinal de contas eu estou falando do ano de 2005, o ano em que o governo precisava de uma comissão de direitos humanos para defendê-lo, porque a linha de ataque era violenta. Não era nem ideológica, era raivosa, era aquele negócio de que “é a hora de acabar com o governo e vamos bater até o governo cair no chão”.



Foi nesse momento que aconteceram duas coisas importantes para mim, e os dois companheiros de São Bernardo do Campo, o Marinho, que foi convidado para ser ministro do Trabalho, e muita gente não queria que ele viesse... Eu lembro de uma reunião na minha sala em que você estava presente, quando o Marinho disse: “Não, eu vou topar aceitar, eu vou vir aqui para ajudar”, e depois o Paulinho Vannuchi. Seria muito mais fácil dizer para mim “Olha, companheiro Lula, nós temos amizade há 30 anos, eu te adoro, você é fantástico, mas não vai dar. Eu estou compromissado com o sindicato, eu assessoro a diretoria do sindicato, eu estou estudando, eu estou fazendo isso, não venho”. Entretanto, você assumiu o governo num momento delicado e fez um trabalho que eu acho, Maria do Rosário, que você pode ser... fazer o máximo que você fizer, que eu acho que você vai apenas fazer igual. Mais do que foi feito nesse período, eu acho quase impossível. Se bem que na política nada é impossível, e eu acho que como as mulheres estão galgando cada vez mais espaços importantes na política, aquilo que parece impossível para um homem, pode ser “baba” para as mulheres, pode ser fácil para as mulheres. Pelo menos é assim que acontece no meu cotidiano de vida, lá em casa, que aquilo que é difícil para mim não é tão difícil para a dona Marisa. Ontem, por exemplo, Paulinho – eu vou reivindicar os direitos humanos aqui – eu fui lavar o quintal, e eu terminei de passar - um pedacinho pequeno - terminei de passar a vassoura, me deu uma dor aqui no espinhaço, Temporão, que quase que eu ligo para você ou para o Padilha, uma dor, que eu quase não conseguia me levantar. E a Marisa: “Eu não acredito, isso é uma vergonha, isso é falta de uso, falta de prática!”. Eu acho que as mulheres têm uma força muito mais porreta do que os homens, e eu acho que...

Bem, eu, sinceramente, espero não estar pecando por excesso de otimismo, mas a minha experiência é exatamente essa. Mulher é mais corajosa... A mulher, ela pode demorar um pouco mais para entrar na luta, mas



quando entra, Paulinho, o bicho pega. Elas viram mais desaforadas, mais ousadas... Eu estou 100% otimista aqui, com a perspectiva deste país.

Bem, Paulinho, eu quero, antes de tudo, dar os meus parabéns aos companheiros e companheiras agraciados com o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, e dizer que eles encarnam a força, a persistência e a coragem do movimento social brasileiro, a quem devemos, em grande parte, o ambiente de irrestrita democracia política em que hoje vivemos.

Em um passado não muito distante, militantes de movimentos sociais e lideranças populares arriscaram a própria vida para defender direitos coletivos e individuais que hoje estão assegurados e sobre os quais existe um amplo consenso.

Há pouco mais de duas décadas, porém, esses direitos eram desdenhados por muitos que agora se proclamam paladinos da liberdade, mas que mantinham desfrutável cumplicidade com o regime de opressão, da injustiça e da mordaza.

Movimentos em defesa dos direitos humanos assumiram a linha de frente na hora mais dura, pisaram o terreno mais íngreme e proclamaram, na hora mais cinzenta, o seguinte: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”, quando isso dizer isso significava colocar o emprego, a palavra e a própria vida no alvo de represálias implacáveis. Não foram poucos os que tombaram. Para cada um que caía, outros se levantavam, até que a democracia avançou, conquistou espaços e desaguou nas ruas deste país para, finalmente, se tornar direito, com o pleno restabelecimento da liberdade.

Companheiros e companheiras,

Nosso governo se reconhece como parte dessa travessia para sanar feridas provocadas por direitos violados, conquistas reprimidas e reparações postergadas.

A Declaração dos Direitos Humanos, que completa hoje 62 anos, condensa três valores que orientam a nossa trajetória: a liberdade sem



adjetivos; o direito à vida, porque sem ele todos os demais perdem sentido; e o direito à justiça social, porque viver é mais que sobreviver – é ter oportunidade de conquistar uma existência digna. Sem dignidade, a própria existência deixa de ter valor. Erguemos pontes de solidez democrática entre os sonhos dos que nos antecederam e urgências inadiáveis da nossa gente. Vinte e oito milhões de brasileiros saíram da pobreza em nosso governo. Quase 33 milhões ascenderam na pirâmide da renda.

A segurança alimentar tornou-se uma política de Estado. Garantimos renda mínima a 12,9 milhões famílias mais humildes, beneficiando mais de 50 milhões de pessoas. Um mercado de consumo de massa que reúne 53% do país e 46% da renda nacional redefiniu a bússola da economia e o rosto da cidadania nesse processo.

A economia mudou. Mas, sobretudo, quero dizer-lhes que o mais importante foi ampliar o horizonte da consciência nacional ao estender a todos os cidadãos o direito humano de dizer ao futuro: “nós te criaremos e o povo pobre não será mais expulso da própria obra”. Esse é o legado mais precioso. De todos, o mais precioso, porque significa dizer que “todos os brasileiros nascerão cada vez mais livres e iguais em dignidade e direitos”.

O que está em jogo, de agora em diante, é fortalecer a trajetória de uma nação em que o bem comum seja a regra, e na qual o arbítrio e o privilégio sejam uma exceção.

Essa compreensão solidária de desenvolvimento exigiu uma mudança nos compromissos fundamentais do Estado brasileiro. Em nosso governo o aparelho público deixou de ser a correia de transmissão da iniquidade para se tornar a ferramenta promotora de reparações sociais.

Durante décadas fez-se o oposto. Cultivou-se, entre nós, a ideia de que a economia só seria saudável se concentrasse riqueza nas mãos de poucos, cortando projetos e investimentos do interesse de muitos. Optamos por enfrentar e vencer vulnerabilidades, em vez de subordinar o futuro a elas.



Não há caminho reto na luta pelo desenvolvimento, é verdade. Mas este governo nunca perdeu sua referência histórica. Nenhum projeto é bom se não alargar a base de apoio dos que não têm quase nada, dos que não têm voz, dos que nunca tiveram oportunidades.

Amigas e amigos,

A ligação indissociável entre desenvolvimento e dignidade humana explica por que decidimos dar à Secretaria Especial de Direitos Humanos a condição de Secretaria Especial, ligada diretamente à Presidência da República, com status de Ministério.

Nasceram, sob esse mesmo critério, algumas de nossas mais importantes iniciativas, como o Fome Zero e o Bolsa Família, as políticas de igualdade racial, o ProUni, o Fundeb, o Luz para Todos, o ProJovem. E mais: as aquisições de safras da agricultura familiar; o Minha Casa Minha Vida; as escolas técnicas; o PAC dedicado ao saneamento e à habitação popular; 73 conferências nacionais, entre tantos outros programas e ações.

Não são apenas siglas, não são apenas estatísticas. O que se construiu neste país, nos últimos oito anos, foi uma sólida relação entre a democracia política e a democracia social. O que produzimos de mais valioso, creio, foi a compreensão de que o respeito aos direitos humanos não é uma reserva de valor que se possa buscar fora da sociedade e da política.

É na força dos compromissos compartilhados, na luta pelo desenvolvimento que os direitos frutificam e se repartem. Mas, sobretudo, é assim que um povo se enxerga como o verdadeiro arquiteto de seu próprio destino.

O Estado fez sua parte, mas sem a participação consciente da nossa sociedade, certamente não teríamos chegado tão longe. Homens e mulheres deste país vivenciaram, nos últimos anos, o desafio fascinante de construir uma nação receptiva aos valores da justiça e da igualdade.

Não aceitarão mais o prato raso de um futuro que seja apenas



sobrevivência, porque a vida humana, a plenitude humana só se completa com liberdade e condições sociais que garantam oportunidades iguais para todos.

Companheiros e companheiras,

Cumprido o meu ritual de ler, aqui, o meu discursinho, eu queria dizer três coisas para vocês antes de terminar o meu discurso, aqui. Vocês perceberam que quando eu estava no começo do mandato, que eu terminava o meu discurso, tinha dez pessoas para pegar o meu discurso aqui. Eu, agora, estou procurando alguém para pegar o meu discurso, e não parece uma viva alma para pegar o discurso, porque certamente devem todos estar aguardando a Dilma sair lá do Torto para poder entregar para ela.

_____ : (incompreensível)

Presidente: Ela foi a Porto Alegre, ela foi a Porto Alegre.

_____ : (incompreensível) vou pedir para ela um presente de Natal (incompreensível). Eu não tenho tempo de chegar até o senhor (incompreensível).

Presidente: Acabou de chegar.

Bem companheiros, eu comecei agradecendo ao companheiro Paulinho, porque aconteceram algumas coisas aqui no nosso governo que eu acho que a companheira Dilma vai continuar com muito mais força do que nós fizemos aqui. Eu lembro um dia, Paulinho, que entraram os companheiros hansenianos no meu gabinete para discutir a questão da aposentadoria daqueles que viveram em colônias. Eu lembro quantos companheiros choraram pelo fato de eu ter cumprimentado cada companheiro e de ter beijado cada um deles, apenas fazendo um sinal de que não é possível alguém que tenha consciência ter medo de abraçar um companheiro hanseniano e beijá-lo, como a qualquer



outra pessoa. Esses companheiros estavam reivindicando aposentadoria, na verdade, era uma indenização, e nós, naquela época, aprovamos a indenização imaginando que seriam três mil; já apareceram quase dez mil companheiros. Ou seja, dos três mil, já apareceram mais de dez mil companheiros. E agora, Maria do Rosário – eu nem contei para o Paulinho – mas eu fui a São Bernardo inaugurar uma UPA e eu encontrei companheiros hansenianos que não moraram em colônias, mas tiveram as mesmas sequelas de alguém que morou em colônia, e essas pessoas estão reivindicando - mais até do que os filhos de quem morou em colônias - o direito a uma indenização, porque eles estão com sequelas profundas. Eu acho que essa é uma coisa de que você precisa cuidar com muito carinho, porque durante quase dois mil anos essa gente foi tratada como se fossem as pessoas, eu diria, praticamente párias da sociedade, e que ninguém poderia encostar. Então, tudo o que a gente fizer para reparar, eu acho que é um bem extraordinário de uma conquista de direitos humanos.

A segunda coisa, Paulinho, que eu acho que foi uma conquista nossa... Eu, uma vez, fui ao Ceará e eu fui a Quixeramobim, eu estava conversando com o pai do companheiro Genoíno – isso já faz muito tempo – e eu me indignava por que a gente não colocava na questão dos direitos humanos a questão do dia-a-dia da sociedade, a questão da fome, a questão do emprego, a questão da saúde, a questão da educação. Porque os direitos humanos ficavam muito conhecidos como apenas a questão da briga política entre polícia, ou contra o regime militar, quando, na verdade, tem uma infinidade de coisas que nós temos que cuidar como questão dos direitos humanos. E você deu essa dimensão.

Então, eu vou terminar, dia 23, a minha última reunião com os catadores de papel... catadores de materiais recicláveis, lá em São Paulo. É uma coisa engraçada, porque aqueles companheiros deveriam estar reivindicando para mim para deixarem de ser catadores de papel, mas eles não querem deixar de



ser catadores de papel. Eles ganham lá, catando papel, mas do que muita gente ganha trabalhando em uma fábrica. O que eles querem é ser respeitados pelos prefeitos, que muitas vezes, em vez de organizar e atender à cooperativa deles, dá para que uma empresa sozinha recolha. Muitas vezes eles são marginalizados, não tem espaço para a carroça – nós até inventamos, através de Itaipu, um carrinho elétrico, que eu não sei se está tendo sucesso o carrinho. Mas quando aqueles companheiros vieram aqui, o que marcou profundamente, no discurso deles, é que eles não queriam nada. É engraçado! A única coisa que eles queriam era dizer para mim: “Obrigado, presidente Lula porque, pela primeira vez, nós entramos no Palácio do Planalto”, aqui, onde vocês estão. Não há conquista de direitos humanos mais importante do que isso. Sabe, as pessoas se sentem... Quando eu fui visitar o Mandela, em [19]94, as pessoas queriam passar perto do palácio do governo e passar a mão na parede. Porque durante décadas e décadas, as pessoas apanhavam, pelo fato de chegarem a um quilômetro perto daquele palácio. As pessoas queriam só... Aí, eu lembro do 1º de maio de [19]80, quando eu estava preso, e aquela multidão de trabalhadores queria ir para a Vila Euclides, a polícia não queria deixar, e os trabalhadores não queriam fazer nada, eles só queriam ir ao estádio, passar a mão na grama e dizer “conquistamos o estádio”.

Eu acho que nós estamos em um estágio muito importante da conquista dos direitos humanos. Ainda falta muito. Por exemplo, Paulinho, eu te comuniquei agora há pouco, eu pedi para o ministro Jobim que eu quero, antes de deixar a Presidência da República, eu quero um relatório do estado da arte de como está a Comissão do Araguaia, que está fazendo investigação, para que a gente possa deixar tanto para a Maria do Rosário como para a presidenta Dilma, o estado da arte em que está a situação. O trabalho não terminou, continuam ainda as buscas, mas eu quero entregar no estágio em que está.

No mais, companheiros, eu queria me despedir de vocês agradecendo,



agradecendo pelo carinho, agradecendo pela compreensão, agradecendo pelos momentos difíceis que nós vivemos juntos, pelos momentos extraordinários que nós vivemos juntos.

Aí, eu quero agradecer a todos, sem distinção, a todos – não vou ficar citando índio, negro, não vou ficar citando –, a todos. Eu acho, Maria do Rosário, que você vai aprender uma lição de vida que a gente só aprende quando está no governo. Você nunca espere fazer uma coisa, e achar que fazendo aquilo está terminada aquela tarefa porque, no dia seguinte, quem conquistou aquilo vai perceber que tinha mais uma coisinha para conquistar, e no dia seguinte terá uma pauta a mais de reivindicação para fazer. Em vez de a gente ficar nervoso, nós temos que compreender que essa é a caminhada da Humanidade. Cada passo que a gente conquista, a gente descobre que pode conquistar um passo a mais. É quase infinita a sede de conquista da sociedade, dos bens materiais, mas também dos seus direitos. Então, esteja preparada, querida, para trabalhar. Você conhece o movimento, você veio do movimento, eles são incansáveis, às vezes exigentes que nem um torcedor do Corinthians, mas se tem um pessoal que é aliado das boas causas, são esses companheiros dos direitos humanos. Eles brigam, mas não te deixarão sozinha em lugar nenhum.

Portanto, se eu posso dar um conselho para você, querida, se eu posso dar um conselho para você, é o seguinte: não tenha medo deles nunca, mesmo quando eles estiverem bravos, mesmo quando você não tiver conseguido fazer alguma coisa, mesmo quando você não tiver conseguido atender uma coisa deles, não tenha medo. Não deixe de ir ao encontro deles, porque o grande problema, o grande problema do político é quando ele acha que, por não ter feito uma coisa, e o povo estar nervoso com ele, ele tem que se afastar do povo. Se se afastar, pode ficar certa de que alguém vai entrar no seu lugar. Como esse povo, como esse povo é um povo disposto a ouvir a verdade e também a dizer a verdade, não gostam de mentira, e vale mais uma verdade



do que uma mentira, querida, faça aquilo que você mais sabe fazer: coloque o seu coração, coloque a sua consciência, mas não falte com essa gente porque essa gente, no fundo, no fundo, é quem garante o sucesso de um governo. É essa gente que, nos bons e nos maus momentos, está aqui gritando o nosso nome, está defendendo o nosso nome e está reconhecendo aquilo que nós fizemos e aquilo que nós não fizemos.

Portanto, eu desejo a você, querida Maria do Rosário, desejo a você toda a sorte do mundo. O Paulinho Vannuchi está te entregando mais do que apenas uma quantidade de programas certa. Ele está te entregando, de forma organizada, mais unida do que em qualquer outro momento da história deste país... Eu vou dizer: nunca antes na história do Brasil, nunca antes todos os segmentos dos direitos humanos estiveram tão unidos em torno de uma política de Estado. Portanto, você está pegando os programas e está pegando o povo com uma autoestima que há muito tempo ele não teve.

Uma companheira me abraçou aqui – não vou dizer o nome – e falou o seguinte: “Lula, muito obrigado porque eu vivi os melhores oito anos da minha vida no seu governo”. Imagine quantos mais oito anos vocês têm para conquistar, para viver muito melhor, para não chegarem [a ser] um velhinho sofrido, como o Samuel Pinheiro. Chegarem [como] uma pessoa mais jovem.

Eu, de coração, gente, de coração... Eu sei que eu vou encontrar vocês em algum lugar, em algum lugar deste país, porque eu não vou ficar em casa dentro de uma redoma de vidro, não vou ficar dentro de uma redoma de vidro, eu vou fazer política. Então, podem estar certos de que nós nos encontraremos em algum lugar deste país, em alguma assembleia, em alguma passeata, em algum ato público, em algum protesto, não contra a Dilma, não contra a Dilma. Mas em algum protesto contra alguma coisa. Ah, um protesto contra aqueles que censuraram o WikiLeaks. Isso nós vamos protestar, nós vamos fazer manifestação, porque a liberdade de imprensa não tem meia cara. A liberdade de imprensa é total e absoluta. Não pode desnudar apenas um lado, precisa



desnudar tudo.

Então, companheiros, de coração, muito obrigado por esses 30 anos de convivência que eu tenho com vocês e, dentre esses 30 anos, os oito anos que eu estive na Presidência da República.

Paulinho, se eu pudesse te pagar em dinheiro, nem as reservas do Brasil dariam para pagar o trabalho que você prestou a este governo e ao país.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)